

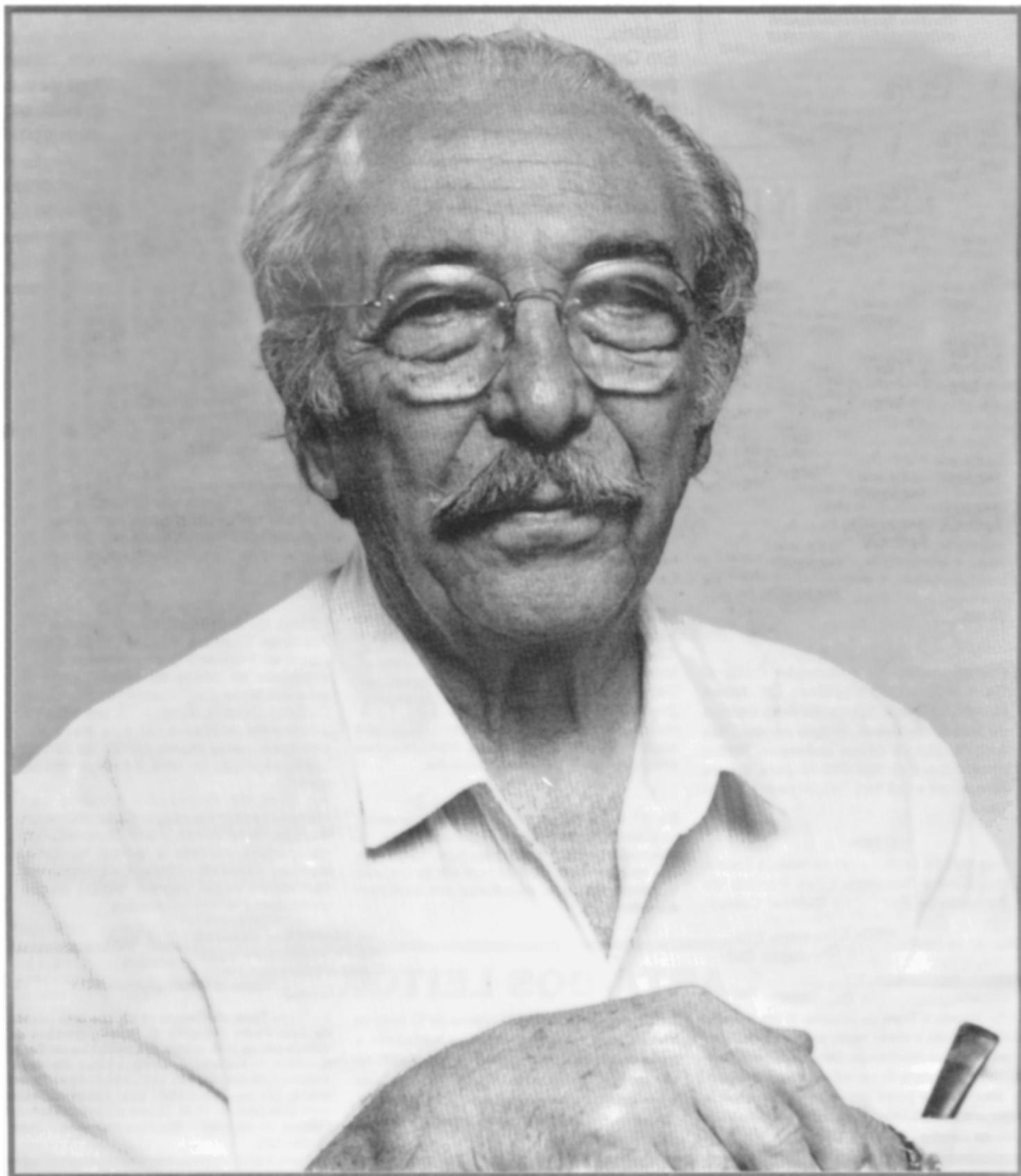
O TREM *da* HISTÓRIA

ANO 4 - Nº 13

ABR / MAI / JUN / 94

BOLETIM INFORMATIVO DO SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 10 ANOS DE EXISTÊNCIA DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO E HOMENAGEM DESTA ENTIDADE AO SEU PATRONO.



EXPEDIENTE

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON
BARRETO DE ARAXÁ
Praça Arthur Bernardes, 10
Fone: 661.1033 - Ramais 235, 236 e 237

PRESIDÊNCIA:

Lygia Cardoso Maneira

SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Marília Aparecida dos Reis

Renato Afonso Ribeiro

SUPERVISÃO DE ARQUIVOS

Maria Trindade Coutinho Rezende Goulart

SUPERVISÃO DE PESQUISA

Rossina Spinoso Montandon

SUPERVISÃO DE MUSEUS

Bernadete de Lourdes Rezende Teixeira

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Elaine Denise Oliveira (DRT/DF 2089/80)

REVISÃO: Antônia Verçosa

LAY-OUT: Imagem Propaganda

EDITORIAL

Neste momento em que o Trem da História completa 3 anos de publicação trimestral, partindo para o ano 4, comemoramos os 10 anos de existência da Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá. No início, as primeiras atividades foram marcadas pelo idealismo, trabalho e perseverança de alguns e, hoje, nas esferas regional e estadual, alcançamos o estágio do reconhecimento de ser esta uma entidade que "deu certo". Na visão dos especialistas somos uma entidade que desempenha suas funções em um nível considerado próprio de cidades de porte maior do que Araxá. Nessa edição você poderá conhecer a nossa história.

Em Quem Foi Quem reconstituímos a biografia de Calmon Barreto, nosso patrono, nosso grande incentivador e colaborador. Foi ele, ao longo de sua vida, professor, gravador, pintor, escultor, escritor e acima de tudo, um araxaense conhecedor da história da sua terra e que divulgou-a como ninguém, através do seu talento e arte.

Em todas as épocas e lugares o trabalho da imprensa é fundamental. Mostramos também um histórico do jornalismo em Araxá. Graças ao pioneirismo dos editores e sua dedicação extrema, exemplares de muitos jornais permitem-nos, hoje, a sua utilização como fonte de pesquisas.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ

FAZENDO HISTÓRIA

LITERATURA

Foi realizado no dia 21 de abril, no Museu Dona Beja, o lançamento do Livro "Flor Intocada", da araxaense Irmã Domitila Ribeiro Borges. Durante a programação foram apresentados números musicais por alunos da Escola Municipal de Música "Maestro Elias Porfírio de Azevedo" e do Grupo de Serestas, "Música na Janela", também da Escola. Na mesma ocasião foi empossada a diretoria da Academia Araxaense de Letras, eleita para o biênio 94/95.

MÚSICA I

Por sugestão da Fundação Cultural Calmon Barreto, o prefeito Dr. Jeová Moreira da Costa, passou às duas Bandas de Música de Araxá, verbas necessárias à confecção de novos uniformes. Foram destinados Cr\$ 960.000,00 para a Lyra Araxaense e Cr\$ 651.780,00 para a Santa Cecília.

MÚSICA II

Nos dias 28 de abril e 30 de maio, a Escola de Música "Maestro Elias Porfírio de Azevedo" da Fundação Cultural Calmon

Barreto realizou apresentações com seus alunos e professores no Salão da Escola. Da primeira apresentação participaram 58 alunos com um recital de violão e, na segunda, foram apresentados números de teclado. A escola conta atualmente com 536 alunos.

DIA DA CRIAÇÃO

No dia 24 de abril aconteceu o "Dia da Criação", movimento cultural, no bairro Urciano Lemos e no dia 15 de maio, no bairro São Geraldo. Com a participação das Associações de Bairros, Sesc e Mojuara o "Dia da Criação" tem o apoio da Prefeitura Municipal de Araxá e Fundação Cultural Calmon Barreto. Do evento constam: gincana cultural, números de dança, números musicais, rua de lazer com jogos esportivos e diversas outras manifestações artísticas como pintura e desenho.

ARTES PLÁSTICAS

De 1º a 15 de junho Dalila Nascimento, paulistana radicada em Brasília, expôs no Museu Dona Beja, seus trabalhos. Na pintura usa técnica mista de colagem e tinta acrílica, e mostra também, esculturas em cerâmica e madeira.

TRADIÇÃO RELIGIOSA

No dia 02.06 a Fundação Cultural Calmon Barreto, órgão responsável pela preservação das tradições culturais, organizou juntamente com a Prefeitura Municipal e as paróquias de São Domingos e São Sebastião, a Procissão de Corpus Christi. As ruas foram enfeitadas com a valiosa colaboração dos moradores do trajeto percorrido, resgatando-se, assim, a tradição religiosa.

ARTESANATO

Vindas de Belo Horizonte, estiveram em Araxá as Técnicas do CAPE - Centro de Apoio ao Pequeno Empreendedor, órgão vinculado ao "Mãos de Minas", fazendo uma avaliação do artesanato da Fundação Cultural Calmon Barreto. "É um trabalho altamente profissional que deve ser divulgado pelos quatro cantos do Estado como exemplo de uma iniciativa que dá certo".

Na área de Formação Artística são oferecidos pela Fundação Cultural Calmon Barreto, durante todo o ano, Cursos Livres de: pintura em tela e tecido, bordado, tapetes arraiolos, oficinas de origami e cartões de papel vegetal. Muitos alunos participam dessas atividades.

CARTA DOS LEITORES

1 - "... Recebi o Trem da História. É um trabalho muito bem feito e mexe muito com a saudade de araxaenses que vivem longe. Desejo assinar o Trem da História. Gostaria de ser informado sobre o valor da assinatura e como proceder para efetuar o pagamento." 26.05.1994 - Dr. Jairo Rodrigues Valle - Rio de Janeiro - RJ

2 - "Estamos recebendo exemplares de "O Trem da História" que nos orienta sobre os fundadores e pessoas que ajudaram e continuam ajudando na caminhada da nossa Araxá. Os nossos cumprimentos e agradecimentos." 31.05.1994 - Filhos de Sebastião Afonso Carneiro - Araxá - MG

3 - "Li no Trem da História nº 12, que uma pessoa de São Paulo (Priscilla S. Bueno) gostaria de comunicar-se com outros descendentes de Bento Carneiro de Mendonça. Como o jornal não deu o endereço da interessada, estou encaminhando, em anexo, por seu intermédio, uma correspondência para esta pessoa. P. S. Quero assinar o Trem da História. 11.06.1994 - Maurício Carneiro - Ouro Preto - MG

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

10 ANOS DE HISTÓRIA

O Trem da História é uma publicação que tem como objetivo divulgar a pesquisa histórica desenvolvida no município e, agora, entra no seu quarto ano com sua 13ª edição.

Especialmente nessa edição, e de acordo com nossa proposta de preservar a memória de Araxá, registraremos a nossa própria história, ou seja, os 10 anos de existência da Fundação Cultural Calmon Barreto Araxá que tem sua lei de criação datada de 27 de junho de 1984.

Essa reconstituição histórica foi fundamentada em nossos arquivos e em um longo depoimento da atual presidente Lygia Cardoso

Maneira, uma das idealizadoras e fundadoras desta entidade, que desde janeiro de 1993 está à sua frente, mais uma vez.

"Araxá, bela cidade mineira, turística por vocação, hospitaleira por tradição, de filhos ilustres espalhados por vários rincões possuía uma lacuna. Necessitava de uma Casa onde pudesse reunir, preservar e cultivar a sua história e que abrisse novas perspectivas aos araxaenses no mundo maravilhoso das artes", inicia Lygia Cardoso Maneira em seu depoimento.

Preocupados com essa lacuna, surgira um grupo de pessoas disposto a fazer algo a para solucionar essa situação.

Em abril de 1984, com esse pensamento e essa convicção, esse grupo procurou o então Prefeito Municipal, Kleber Pereira Valeriano, propondo-lhe que criasse essa Casa da Cultura, respondendo aos anseios dos araxaenses e, dentro dessa proposta, que fosse criado primeiramente um Conservatório Musical, pois percebia-se que essa era a prioridade, visto o grande número de pessoas que procuravam esse caminho.

O então Prefeito Kleber Pereira Valeriano entusiasmou-se com a nova idéia, apoiando de imediato essa proposta, sugerindo que se fizesse um estudo nessa área, a fim de ser elaborado tal projeto. Isso feito, foi enviado à Prefeitura Municipal e, posteriormente à Secretaria de Estado da Cultura.

Nessa época, ano de 1984, o Secretário de Estado da Cultura de Minas Gerais era José Aparecido de Oliveira, pessoa ligada a essa terra e muito interessada na vida cultural dessa cidade. Não fora difícil fazê-lo compreender essa proposta e ele, imediatamente, enviou Paulo Márcio Ferreira,



Antiga sede da Estação Ferroviária, hoje, sede definitiva da Fundação Cultural Calmon Barreto

araxaense, nessa ocasião funcionário da Secretaria de Estado da Cultura, para que providenciasse em Araxá a primeira reunião a fim de sentir de perto quais as reivindicações do grupo, que tinha como coordenadora e intercessora, Lygia Cardoso Maneira.

A primeira reunião deu-se em maio de 1984 no prédio da Câmara Municipal onde se achavam presentes: Paulo Márcio Ferreira, Eduardo de Ávila, Lygia Cardoso Maneira, Calmon Barreto, Loudes Zema, Fernando Braga de Araújo, Henrique Natal Vieira, Vander de Castro Alves, Mário Del Sarto, Vilma Cunha Duarte, Vicente de Paulo, Agar de Freitas Santos, Magali Cardoso de Paula, Maria Tereza Romagnoli Rios, Elisa Celestino Chaer Dib e vários representantes da imprensa local.

Terminada a reunião percebeu-se que seria importante a participação de outras pessoas ligadas à área. Assim, foi convocada outra reunião à noite, e os convidados foram tantos que as dependências da Boate do Clube Araxá se tornaram pequenas, evidenciando o grande interesse da população pelo setor cultural da comunidade

A FUNDAÇÃO DA ENTIDADE

Após vários debates e sugestões um tanto tumultuados visto o número de participantes, constatou-se evidentemente que deveria ser criada uma Fundação. Uma "Fundação Cultural" que facilitaria a abertura do leque em mais opções e mais oportunidades. Concluiu-se ainda que esta Fundação deveria levar o nome de Calmon Barreto, tendo sido unanimemente aceito e ovacionado pelos presentes por se tratar de um grande artista araxaense, reconhecido e

reverenciado por todos.

Desta reunião concluiu-se que duas metas deveriam ser cumpridas rapidamente: nomear os membros da Diretoria e Conselho Fiscal da Fundação e aprovar o seu estatuto.

Assim, no dia 27 de junho de 1984, o então Prefeito Municipal de Araxá, Kleber Pereira Valeriano, no uso de suas atribuições legais, tendo em vista o disposto no artigo 1º da Lei nº 1905, aprovou o Estatuto da Fun-

dação Cultural Calmon Barreto de Araxá, e nomeou a sua diretoria que ficou assim constituída: Presidente - Lygia Cardoso Maneira; Vice-presidente - Vander de Castro Alves; Secretária - Magali Cardoso de Paula; Tesoureiro - Vicente de Paulo; Relações Públicas - Vilma Cunha Duarte; Membros Suplentes: Maria Aparecida Quinete Rocha, Múcio Rodrigues da Silva, Maria Tereza Romagnoli Rios, Agar de Freitas Santos. Conselho Fiscal: Membros Efetivos: Fernando Braga de Araújo, Mário Del Sarto, Elvira do Carmo Pedrosa. Membros Suplentes: Maria Elisa Celestino Chaer Dib, Maria Natália Montandon Silva, Eustáquio de Lima.

Criada a Fundação Cultural Calmon Barreto, iniciaram-se também os problemas a serem enfrentados. O primeiro deles foi em relação ao espaço físico a ser ocupado, já que não existia um local onde realizar até mesmo as reuniões iniciais. Quanto a isso, Fernando Braga de Araújo, então chefe da Divisão de Cultura e Turismo, ofereceu um espaço à Fundação, numa pequena sala do Museu Dona Beja.

A então presidente, Lygia Cardoso Maneira, solicitou à Secretaria de Estado da Cultura e à Prefeitura Municipal de Araxá que enviassem uma carta ao Diretor Geral da Estação da Rede Ferroviária Federal, solicitando a doação do prédio desativado em Araxá à Fundação Cultural Calmon Barreto, pois seria o local ideal para abrigar essa entidade cultural, que nascera da coragem e do desafio de seus idealizadores. "Assim foi feito" e prossegue Lygia: "um misto de esperança, de dúvida e de confiança tomou conta de todos na expectativa da resposta tão desejada".

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

10 ANOS DE HISTÓRIA



Lygia Cardoso Maneira e o então Secretário de Estado da Cultura, José Aparecido de Oliveira, no dia da assinatura do documento que cedeu à Fundação, por comodato, o prédio da antiga Estação Ferroviária. Fev/1985 (Arquivo SPH/FCCB)

O PRÉDIO DA ESTAÇÃO

Em janeiro de 1985 a presidente da Fundação recebeu um telefonema interurbano de seu filho, Eduardo Maneira, que também trabalhava na Secretaria de Estado da Cultura comunicando que a resposta da cessão do prédio da Estação era positiva e que ele estaria com o Secretário e representantes da Rede Ferroviária Federal em Araxá, no dia 08 de fevereiro de 1985, para a cerimônia de assinatura do Termo de Comodato.

"Mais uma vitória conquistada ... diz Lygia. "Finalmente, um lindo prédio, aconchegante, acatando esse belo trabalho. O sonho desse Grupo já estava se tornando realidade..... Reuniões se sucediam para se delinearem metas. O Grupo sempre coeso, acreditava na força crescente dessa Fundação Cultural".

Visando à definição da estrutura organizacional e aos planos de trabalho para definição de filosofia, objetivos e estratégias de uma Fundação Cultural, Lygia convidou especialistas em educação e cultura de Belo Horizonte. "A partir daí, diz Lygia, "tudo foi clareando através de pesquisas junto à comunidade e envolvimento de escolas, canais sociais, instituições as mais diversas. Tornou-se mais claro e mais viável priorizar metas".

Desde então, a Fundação Cultural Calmon Barreto desenvolve suas atividades no prédio da antiga Estação Ferroviária que passou da condição anterior de comodato à condição de propriedade da Prefeitura Municipal, na administração Aracely de Paula. Este mesmo prédio teve seu tombamento instituído mais tarde, em 28 de dezembro de 1990.

ARTESANATO

Quando estavam sendo estudados os programas a serem executados, José Aparecido de Oliveira propôs à Lygia Cardoso Maneira que elaborasse rapidamente um projeto destinado ao artesanato local, pois pretendia enviar uma verba à Fundação, a fim de estruturar e dar andamento a essa manifestação cultural com implicações sociais.

"Assim que esse projeto chegou a suas mãos" enfatiza Lygia, "mais uma vez José Aparecido se fez presente em Araxá, enviando Cr\$ 30 milhões de cruzeiros (na

época), destinados à formação de artesãos, priorizando os cursos de tecelagem".

Esse trabalho visa a resgatar essa arte genuína, datada da época do nosso povoamento, quase em extinção no município e pretende também fazer com que melhore a renda média familiar dos artesãos. Henrique Natal Vieira foi o primeiro coordenador desse projeto.

Atualmente, o Artesanato da Fundação Cultural Calmon Barreto está sob a supervisão de Terezinha Oliveira Lemos, e em franca atividade com uma diversificada linha de produção, onde se incluem tapetes kilin, passadeiras, colchas, toalhas, jogos americanos, caminhos de mesa, almofadas, tecido para revestimento, sacolas, etc.

Com esse trabalho são mantidas as atividades das artesãs diretamente ligadas à Fundação Cultural Calmon Barreto e das que trabalham em casa, ligadas indiretamente. Na loja onde os produtos são comercializados existe um espaço para todo artesão araxaense que desejar expor seus trabalhos manuais.

A Supervisão de Artesanato tem participado de exposições e feiras locais, bem como em outras cidades, com os seus mais belos trabalhos confeccionados em tear mineiro e bordados.

Sob a mesma coordenação do Artesanato está a área de Formação Artística com os Cursos Livres, oferecendo aulas de: pintura em tela, em tecido, bordado, tapetes arraiolo, cartões de papel vegetal, origami, desenho artístico.

Participam desses Cursos pessoas de variada faixa etária que, ao final, recebem certificados de conclusão. No mês de dezembro, é realizada uma exposição com trabalhos de todos os alunos no espaço cultural da Caixa Econômica Federal, gentilmente cedido à Fundação.



Geralda Maria Dias e Antonia Benevenuto Porto, funcionárias da Oficina de Artesanato da Fundação Cultural Calmon Barreto 1993 (Arquivo SPH/FCCB) - Foto: Ze Fotógrafo

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

10 ANOS DE HISTÓRIA

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

"Preservar e desenvolver os bens culturais da comunidade... Preservar a memória histórico-cultural"... No sentido lato, são esses os objetivos e funções de uma Fundação Cultural." Foi criado, então, o Setor de Patrimônio Histórico, cujo projeto inicial, ficou a cargo de Isabel Maria Tannús e uma equipe com profissionais na área de História, Arquitetura, Educação Artística e outras.

Hoje, aqui na Fundação encontram-se arquivos públicos e particulares que se constituem nas maiores fontes de pesquisa sobre a história do município, e atualmente são realizados projetos específicos como: publicação deste Informativo, elaboração de um livro didático sobre Araxá, realização de curso de formação de guias turísticos, realização de exposições temporárias, entre outros.

O Setor de Patrimônio Histórico, que é coordenado por Glaucia Teixeira Nogueira Lima, atende, diariamente, os alunos das escolas de diversos níveis, pesquisadores, instituições e órgãos públicos e particulares. Todas as atividades do Setor são subdivididas em supervisões, a saber: Supervisão de Arquivos (sob a coordenação de Maria Trindade Coutinho Resende Goulart), Supervisão de Pesquisa (Rossina Spinoso Montandon) e Supervisão de Museus (Bernadete de Lourdes Rezende Teixeira). O Museu Municipal Dona Beja, desde 1990 está subordinado administrativamente ao Setor de Patrimônio Histórico, efetivando um vínculo que havia sido estabelecido à época de sua restauração e reinauguração, quando coube ao Setor de Patrimônio Histórico a elaboração do projeto museológico, ou seja, o conteúdo histórico a ser delineado pela instituição.

Ampliando a Supervisão de Museus foi inaugurado, em 19 de dezembro de 1991, na gestão do então presidente Fernando Braga de Araújo, o Museu Sacro da Igreja São Sebastião. O projeto era de autoria do Arquiteto Emílio Alves Leite e da equipe do Setor de Patrimônio Histórico. Atualmente, os dois museus são instituições respeitáveis e pontos importantes de atração turística.

CORAL VILLA-LOBOS

Em 1985 a Fundação Cultural Calmon Barreto criou um Coral integrado por 10 vozes masculinas e 32 femininas, ao todo 42 vozes, assegurando as manifestações musicais como parte integrante dessa Fundação.

O Coral foi denominado Coral Villa-Lobos em homenagem ao maior compositor brasileiro de músicas para Corais, que naquele ano de 85, teria completado 100 anos de existência.

Sua primeira regente foi a Professora Hercília Cardoso del Nery que atuou de agosto a dezembro, apresentando-se pela primeira vez na Igreja Matriz de São Domingos, no dia 23 de dezembro de 1985, com destaque



Momento da assinatura do convênio entre a Araxá e a FCCB visando à restauração do prédio do Museu Dona Beja. Dentre outros, vêem-se: Priscila Freire (Superintendência de Museus de MG), Lygia Cardoso Maneira (FCCB), Dr. Marcelo Garcez Lobo (Araxá), Belo Horizonte, out/1985. (Arquivo SPH/FCCB) - Foto: Sebastião

especial para as músicas natalinas. Até então foi regente-auxiliar do Coral a Professora Maria Tereza Romagnolli Rios e, após esta belíssima apresentação com apenas quatro meses de ensaios, Hercília viu-se na impossibilidade de prosseguir o trabalho e passou-o às mãos de Maria Tereza, que o desenvolve com perseverança e dedicação até agora.

Hoje o Coral Villa-Lobos é uma das manifestações artísticas mais importantes de nossa terra levando o nome de Araxá a outras cidades que o aplaudem e o reconhecem.

ESCOLA MUNICIPAL DE MÚSICA "MAESTRO ELIAS PORFÍRIO DE AZEVEDO"

Um dos primeiros projetos da Fundação Cultural Calmon Barreto era a criação, em Araxá, de uma Escola de Música, sonho dos artistas araxaenses. Esse sonho se concretizou através da Lei Municipal nº 2520/92 promulgada pelo Prefeito Municipal Waldir Benevides de Ávila, em 29 de abril de 1992, sendo nomeada Maria Lúcia Franco Idaló diretora administrativa e Maria Teresa Romagnolli Rios diretora musical e sendo presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto, Fernando Braga de Araújo. O patrono escolhido foi o Maestro Elias Porfírio de Azevedo, músico araxaense, criador da Banda Santa Cecília.

Atualmente, com mais de 500 alunos, a Escola Municipal de Música dirigida por Maria Angela Azevedo Bittar, conta, além do Coral Villa-Lobos, com um Coral Infantil e um grupo de serestas "Música na Janela", estando em andamento, a formação de uma Banda de Música constituída por jovens araxaenses.

A história administrativa da Fundação Cultural Calmon Barreto registra o nome e a atuação dos presidentes que dirigiram a instituição.

São eles: Lygia Cardoso Maneira (1984-1986), Tarcísio Cardoso (1986-1987), Maria José de Paiva Teixeira (1987-1988), Paulo Márcio Ferreira (1989), Fernando Braga de Araújo (1990-1992), Lygia Cardoso Maneira (1993 - ...).

Mas fica aqui, também, o registro de todos aqueles funcionários, colaboradores que, com seu trabalho, até mesmo nas fases de incertezas e grandes dificuldades financeiras, contribuíram para que esses 10 anos fossem comemorados. Eles foram e ainda são muitos: artistas, professores, pesquisadores, estagiários, artesãos, secretários, músicos, jornalistas, serventes e técnicos.

QUEM FOI QUEM

CALMON BARRETO

Nasceu na cidade de Araxá no dia 20 de novembro de 1909. Filho de Aníbal Barreto e Alfonsina de Carvalho Barreto. Viveu a primeira infância na Fazenda "Garimpo do Ouro", propriedade de sua família.

O DESPERTAR PARA A ARTE

Estudou no Grupo Delfim Moreira, Instituto Brasil (fundado por José Bento Coelho) e na Escola Nossa Senhora Auxiliadora (particular) que funcionou na residência do Sr. José Marçal da Cruz e tinha como responsável a professora Luiza Baptista Machado.

De acordo com seu depoimento, sua iniciação nas artes ocorreu ainda cedo: "Tinha terminado o curso primário, quando aqui apareceu um pintor chamado Pedro Leopoldo Vieira, formado pela Escola de Belas Artes da Bahia. Naquele tempo não havia universidades e sim escolas. Ele veio pintar a casa do Cel. Adolpho Ferreira de Aguiar porque usava pintar varandas e sala-de-jantar com frutas... Então, eu vi esse pintor trabalhando na vizinhança de nossa casa e achei-o muito feliz porque ele cantava, enquanto pintava. Eu era muito vagabundo como todo menino, "moleque", como todos daquela idade, de pés-no-chão, vivia à beira dos córregos. Peguei, é aquilo que eu quero aprender. Eu ficava o dia inteiro vendo ele pintar. Eu chamuscava umas "tintinhas" dele e comecei a rebocar as paredes da minha casa. Então, ele começou a reclamar a meu pai e disse "Quem sabe seu menino tem jeito para a arte? E começou a ensinar-me desenho e pintura por 5 mil réis por mês".

Em março de 1922 embarcou para o Rio de Janeiro com o pintor Pedro Leopoldo e a família.

Com apenas 12 anos de idade começou a trabalhar na Casa da Moeda e a frequentar uma escola de formação de desenhistas e gravadores. Teve formidáveis mestres e segundo as palavras de Calmon "não há talento no indivíduo, há o mestre".



O artista fotografado por Zé Fotógrafo para a edição do livro "Araticum"

Calmon acreditava que só a vontade não era suficiente para que alguém se tornasse um grande artista, era preciso ter a mão de um bom mestre para guiá-lo pelo mundo das artes.

Com 14 anos, após passar no exame de admissão, ingressou na Escola de Belas Artes. Foi aluno de Augusto Girardet, Otto Reim e Hilarião. Conviveu, também, durante esse período com os artistas - professores Leopoldo Campos, Jorge Soubre, Herminio Pereira e Francisco Marinho que trabalhavam na Casa da Moeda.

A convivência com esses mestres trouxe como conseqüência o aprimoramento do seu trabalho. A partir de 1924 houve o reconhecimento do seu talento por parte

da crítica especializada. Isto veio confirmar a sua teoria sobre o papel fundamental que o mestre exerce na formação do artista.

OS PRÊMIOS

Nesse ano, obteve menção honrosa (de 1º grau) no Salão Nacional de Belas Artes e foi, também, aprovado no exame de admissão para o curso de gravura intitulado "Modelo Vivo e Rudimentos e Perspectivas" ministrado pelo gravador italiano Augusto Girardet.

Em 1926 obteve a Medalha de Bronze no Salão Nacional

de Belas Artes e no ano seguinte (1927) a Medalha de Prata (Prêmio Maria Pardos). Em 1929, venceu um concurso cujo prêmio era uma viagem à Europa, prêmio esse considerado o máximo que um artista em formação poderia aspirar na época, pois, no ano anterior (1928) esse concurso tinha sido vencido por Cândido Portinari. Calmon obteve esse sucesso com o baixo-relevo "Garimpeiros" e a gravura em aço intitulada "Índio".

Na Europa, além de visitar inúmeros museus nos países que percorreu, frequentou, em Roma, os restritos cursos da Real Escola da Medalha que admitia no máximo 50 alunos do mundo inteiro. Frequentou também cursos na Real Academia Ripetto e Círculo Artístico. Na avaliação de Calmon, todos esses cursos não se igualavam aos conhecimentos que o mestre Girardet lhe proporcionara no Brasil.

Em 1932 retornou ao Brasil e foi nomeado gravador mestre da Casa da Moeda. Esse trabalho limitava, restringia o espírito irrequieto e criativo do jovem Calmon Barreto que abandonou o cargo em 1934. Dedicou-se, então, à ilustração de revistas e jornais como "Revista da Semana", "O Malho", "O Cruzeiro", "Fon-Fon", e o "Jornal" do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano foi eleito membro do Conselho Nacional de Belas Artes, seção gravura.



Livro Araticum patrocinado pela CBMM

QUEM FOI QUEM

CALMON BARRETO

O ESCULTOR

Como escultor obteve, em 1938, a Medalha de Prata no Salão Nacional de Belas Artes com as obras "Porta da Cripta" - monumento em bronze de Laguna -, "Crucifixo de Mausoléu" e uma série de baixos-relevos. Como gravador obteve Medalha de Ouro com o trabalho "Orquídeas".

Em 1939, com o baixo-relevo "Batalha de Guararapes" (obra doada pelo autor à Fundação Cultural Calmon Barreto em 1990) obteve a medalha de Ouro no Salão Nacional de Belas Artes.

No exercício da docência, Calmon foi professor de diversas disciplinas na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Foi professor-assistente de desenho de Modelo Vivo (1942-1947) e professor-titular da cadeira de Anatomia e Fisiologia Artística, para a qual defendeu teses em 1951.

Durante a sua atividade de professor, abandonou a gravura e dedicou-se à escultura, modalidade em que conseguiu alguns de seus maiores louros.

O PINTOR

Sua carreira como pintor se deu após a sua aposentadoria como professor. Apaixonado pelo Brasil e tudo que fosse brasileiro, Calmon nutria uma profunda admiração pela tradição pictórica brasileira e a considerava a melhor das Américas. Dentro da Escola Impressionista, Calmon considerava Visconti tão bom ou melhor que os pintores franceses.

Em 1968 retornou a Araxá e iniciou uma nova fase na sua produção artística.

Com exceção das marinhas pintadas durante o período em que morou no litoral fluminense, sua pintura é centrada na



O Cavaleiro (Calmon Barreto)



A chegada do Zebú no Brasil (Calmon Barreto - tela 1,67 x 2,51 m) Arquivo SPH/FCCB

história, nas tradições e na paisagem regional. Isto fez com que Calmon fosse considerado o "pintor da nossa história".

Em 1984, após ter participado de um movimento pró-criação de uma entidade cultural em Araxá, Calmon foi o escolhido como Patrono da Fundação.

Como patrono, Calmon não se limitou apenas a emprestar seu nome a essa instituição. No ano de 1987 fez a doação da tela "A chegada do Zebu no Brasil" para ser vendida e com isso sanar as dificuldades financeiras da entidade. Isso felizmente não foi necessário e essa obra, hoje faz parte do nosso acervo.

Com a finalidade de incentivar e valorizar o artista local, Calmon idealizou e redigiu o regulamento do I Salão de Artes Plásticas de Araxá cuja abertura se deu em maio de 1988.

Foi presença marcante nesses dez anos da Fundação, ora doando obras de grande valor artístico, ora cedendo os direitos de reproduções fotográficas de telas que retratam fases da nossa história. Tais reproduções estão expostas no Museu Sacro da Igreja de São Sebastião.

Calmon Barreto foi colaborador do jornal "Correio de Araxá" onde publicou crônicas e artigos. Um deles se encontra no livro "Vamos Conhecer Araxá" de Leonilda Scarpellini Montandon. Nesse artigo, Calmon faz uma análise da obra de Bento Antônio da Boa Morte e que se constitui em única fonte de pesquisa sobre o escultor que aqui viveu no século XIX.

Escreveu vários livros, tendo publicado apenas "Araticum - Histórias de Calmon Barreto". Foi membro da Academia

Araxaense de Letras onde ocupou a cadeira número nove, vaga deixada pelo Dr. Clodoveu Afonso de Almeida, cujo patrono é Casimiro de Abreu.

Calmon Barreto faleceu em Araxá no dia 09.06.1994.

Calmon Barreto amou profundamente a cidade onde nasceu, e quando a ela se referia, era com saudade que o fazia, sem perder, contudo, o espírito crítico que o caracterizava. "Aqui era uma cidade muito pacata, onde havia arte em tudo. Por volta de 1915 a 1920, a cidade era de uma beleza fora do comum, dentro do seu estilo colonial. Tudo isso foi destruído pela burrice humana com a mania de imitação do estrangeiro".

FONTE:

- 1-Revista "Casa da Moeda" - Ano I - nº 6 (novembro-dezembro de 1947) - Título da matéria: "Visita a Calmon Barreto" - Autor da matéria: Roque Pinheiro - Pág. 23 a 31
- 2-Depoimento de Calmon Barreto, concedido à jornalista Elaine Denise em 24.08.1987, gravado e arquivado no Setor de Patrimônio Histórico dessa Fundação.

A IMPRENSA

OS EDITAIS

Muito tempo se passou desde aquele em que os editais e avisos afixados nas portas das câmaras municipais das Vilas eram os meios empregados para se divulgarem as leis, ordens ou disposições reais e provinciais. Muito tempo também desde que circulava em Araxá e região aquele célebre manuscrito dos liberais que começando: "Araxanos hua olygarchia tirana e furiosa tem em coação o nosso adorado monarca ..." e finalizando

"... Viva a nossa Santa Religião
Viva a Soberana Nação Brasileira
Viva a Constituição
Viva o Imperador o Sr. D. Pedro II
abaixo a Olygarchia, e as reformas do Código de Processo", conclamava a população a se levantar em armas num movimento que ficou conhecido, na História, como Revolução de 1842. Nesses mais de 150 anos, muito tem caminhado e evoluído a nossa imprensa.

OS PIONEIROS

O primeiro jornal que circulou em Araxá, de que temos notícia, foi o PARANAHIBA datado de 1884 e de formato reduzido. Contava apenas com uma folha parecendo mais um panfleto, do qual existe um único exemplar em nossos arquivos.



Jornais de diversas épocas em Araxá

A partir dele, muitos outros surgiram, alguns de existência tão curta que mal conseguimos registrá-la: O GARIMPEIRO, A FLOR (1907), O PORVIR (1935), A SEMANA (1907) e os jornais DIÁRIO DE ARAXÁ (1966) e CIDADE HOJE (1989) dentre os mais recentes. Outros de vida um pouco mais prolongada ressurgiram em diferentes épocas, mantendo o nome, mas sob direção diferente até finalmente desaparecerem. Dentre eles: O ARAXÁ, editado na sua primeira fase em 1892 por Sebastião Silva; em 1903 por Marcolino Silvério Vinaud; em 1907 por Raul de Almeida e Franklin de Castro e, em 1908 por José Soares Caldeira; A GAZETA DE ARAXÁ publicada em 1890 por João Teixeira Álvares e Joaquim A. Oliveira Botelho; em 1917 por Josebento de Oliveira e Fa. Coelho e em 1949 por Dídimo de Melo; O MINAS BRASIL, dirigido em suas duas fases (1920/1928) por Sebastião Gomes.

CORREIO DE ARAXÁ

Merecendo especial destaque por ser o mais antigo jornal de Araxá, em circulação, o CORREIO DE ARAXÁ surgiu com este nome pela primeira vez em 1913 sob a direção de João Jacques e Heitor Montandon. Em 1924 "em nova fase" como órgão independente, noticioso e literário era editado por Edgard França e Almeida Machado. Em 1927 na sua 1ª fase como "órgão do partido republicano mineiro" voltou à direção dos seus fundadores.

Dentro da linha mantida atualmente, o CORREIO DE ARAXÁ surgiu em 1957 sob a direção de Joaquim Ewandinack Porfírio de Azevedo, tendo assumido a partir de 1962 seu atual titular Atanagildo Côrtes que, já na década de 1950, tinha dirigido os jornais ARAXÁ ESPORTIVO (1950) e o JORNAL DE ARAXÁ (1952) na sua 4ª fase.

CARACTERÍSTICAS

Mas, voltando àquele que consideramos como 1º ciclo do jornalismo araxaense (1884 - 1952) podemos observar algumas características comuns se não a todos, à maioria dos jornais: tiragem modesta e formato reduzido, além dos nomes de alguns redatores ou diretores que se revezavam à frente dos diversos jornais que iam surgindo, como Josebento de Oliveira, José Carlos Pedro Grande, Antônio Cabral, Sebastião Gomes, Eduardo Montandon. Outra característica comum era o destaque que davam às colunas sociais, com frequência na primeira página. Através delas os araxaenses eram informados dos nascimentos e falecimentos, das idas e vindas dos parentes e amigos constantemente se movimentando em direção às suas fazendas ou provenientes delas.

As colunas sociais funcionavam também como forma de amenizar um pouco o tom furibundo que frequentemente alguns jornais adotavam em suas páginas.

LINHA EDITORIAL

Em relação à linha adotada pelos jornais desta época, existiram alguns que foram criados para veicular as posições, tendências ou filiações político-partidárias dos seus proprietários ou redatores em épocas em que se travavam renhidas disputas políticas. Exemplos eloquentes são o CORREIO DE ARAXÁ (1913 - 1928) dos Jacquistas e o JORNAL DE ARAXÁ (1918 - 1920) porta-voz dos Ferreiristas.

Nestes casos a falta de censura, de um elemento moderador e, quem sabe, até de uma legislação própria permitia que se cometessem excessos de linguagem, publicando-se diatribes e empregando-se epítetos de acordo com os padrões éticos legais do jornalismo atual.

Os jornais, na sua maioria, eram politicamente isentos e assim já o faziam saber nos cabeçalhos, onde figuravam junto ao seu nome palavras como "independente", "crítica", "humorismo", "literatura" (A FAÍSCA - 1929, A SEMANA - 1917, O COMETA - 1945).

Havia aqueles como O BONECO (1932) que em tom debochado se auto-intitulava "publicação

incerta de responsabilidade ilimitada" e outros que se limitavam apenas a dirigir "indiretas" aos leitores que tivessem manifestado alguma crítica às suas páginas (O OÁSIS - 1926).

OUTROS JORNAIS

Existiram os jornais religiosos ou de forte cunho religioso, quase sempre editados por sacerdotes, como A TRIBUNA DE ARAXÁ (1914) do Centro Católico de Araxá, A SEMANA DE ARAXÁ (1912) e a VOZ PAROCHIAL (1917) do Pe. André Aguirre e Eduardo Montandon, O MONITOR PAROCHIAL (1912) do Cônego Pedro Pezzuti ou o BOLETIM PAROCHIAL (1941) do Pe. Emílio Philippini.

Os jornais escolares muitas vezes ingênuos e piegas, o ESTUDANTE (1917) Semanário do Instituto Delfim Moreira, O TAGARELA e a VOZ ESCOLAR (1949) do Grupo Escolar Delfim Moreira, VÉRITAS (1938) do Colégio São Domingos e ECOS ORATORIANOS do Colégio Dom Bosco entre outros. Araxá já teve também seu jornal de língua inglesa, THE TRIANGLE (1949) órgão da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa dirigido por Ricardo Gentil Montandon, e o JORNAL MILITAR (1940) pelo Tenente Valdemar G. Coelho.

OS REDATORES

Enfim, diante da dificuldade de classificar todos os jornais que já existiram em Araxá, mas em justiça ao pioneirismo dos seus editores e ao enorme e frequentemente inglório esforço despendido para colocá-los e mantê-los em circulação, no final desta matéria relacionamos todos eles assim como os anos de circulação e o nome dos seus titulares, diretores ou redatores. Sobre estes, notamos que a maioria era formada por profissionais liberais das mais diferentes áreas como advocacia, medicina, ensino, engenharia que, com pouco ou muito talento e sucesso, através dos jornais davam vazão a seus pendores literários formando assim a "elite intelectual" da sua época.

REGIME MILITAR

Nas décadas de 60 - 70, refletindo a situação nacional, observamos uma retração na atividade jornalística em Araxá, coibida, sem dúvida, pelo rígido controle e censura que o regime militar impunha aos órgãos de comunicação. Já no começo da década de 1980 esta atividade retoma seu ritmo normal surgindo novos órgãos de comunicação como os jornais O TEMPO (1984), o JORNAL DAS GERAES (1984-1993), os editados pelas administrações municipais, pelas empresas como a CBMM (1986), Associação Comercial e Industrial de Araxá - ACIA (1988), Grupo Zema, Cooperativa Agropecuária de Araxá e outros com novas propostas e abrangência regional.

Finalmente lembramos os jornais publicados pelos clubes particulares como Girassol, Bene's Clube, Clube Araxá e Clube Brasil de circulação restrita aos membros associados.

A IMPRENSA

PANFLETOS

Não podemos deixar de falar nos panfletos que, já antes dos jornais e depois convivendo com eles, circulavam profusamente em Araxá, complementando-os na tarefa de divulgar os eventos e acontecimentos relevantes. Eram distribuídos em forma de convite para as festividades religiosas ou eventos políticos, esportivos e culturais, programações teatrais ou cinematográficas, anúncios comerciais e até panfletos que adquiriam caráter pessoal quando eram impressos e distribuídos por particulares interessados em levar ao conhecimento público suas rixas e brigas contra este ou aquele cidadão, atendendo desta forma ao sentido literal da palavra Panfleto, que de acordo com o dicionário é definido como: "pequeno escrito polêmico e satírico em estilo veemente". Apresentamos a seguir a relação dos jornais que tem circulado em Araxá desde a aparição em 1984 do PARANAHIBA baseada num levantamento realizado em 1952 pelo Sr. Sebastião d'Afonseca e Silva ao qual foram acrescentados aqueles surgidos após esta data.

COMUNICADO

da Prefeitura ao Povo
O Sr. Prefeito Municipal acaba de receber o seguinte rádio:

"Bello Horizonte, 10 de Nov^o de
1937

PREFEITO FAUSTO ALVIM
ARAXÁ.

Comunico-lhe que o Snr. Presidente Getulio Vargas, por decreto baixado nesta data, em plena correspondência com as aspirações de nossa patria, e em os imperativos do momento que atravessamos, houve por bem outorgar ao paiz, modificando a actual, nova constituição politica, pela qual se regerá, doravante, a nação brasileira.

Dando-lhe sciencia desse mageno acontecimento, informo-lhe que, procurando interpretar o pensamento do povo mineiro, que tem a exacta compreensão dos altos interesses nacionaes, dei toda a solidariedade ao Snr. Presidente da Republica, para estabelecimento e manutenção do novo regimen instituido no Brasil.

Saudações cordeaes

(a.) *Benedicto Valladares.*"

DATA	TÍTULO	EDITORES
1884	O PARANAHIBA (1ª vez)	Antônio F. Ribeiro e H. França
1889	O GARIMPEIRO	
1890	A GAZETA DE ARAXÁ (1ª vez)	Drs. João Teixeira Álvares e J.A.O. Botelho
1891	O PROGRESSO	Sebastião Silva (das oficinas da Gazeta)
1892	O ARAXÁ (1ª vez)	Sebastião Silva (das oficinas da Gazeta)
1899	JORNAL DE ARAXÁ (1ª vez)	C.R. de Afonseca e Silva e Goulart de Assis
1899	O PARANAHIBA (2ª Vez)	Domiciano Garcia
1903	O ARAXÁ (2ª vez)	Marcolino Vinaud
1904	O MUNICÍPIO	Francisco Silvério Vinaud
1907	O ARAXÁ (3ª vez)	Drs. Raul de Almeida e Franklin de Castro
1907	A FLOR	H. Cunha e Osvaldo Porfino
1908	O ARAXÁ (4ª vez)	Josué Soares Caldeira
1912	A SEMANA DE ARAXÁ (1ª vez)	Dr. Eduardo Montandon e Pe. André Aguirre
1912	O MONITOR PAROQUIAL	Cônego Pedro Pezzuti
1913	A SEMANA DE ARAXÁ (2ª vez)	Serafim Aguirre e Josué Soares
1913	O CORREIO DE ARAXÁ (1ª vez)	Drs. João Jacques Montandon e Heitor Montandon
1913	O MARTELINHO	Deocleto Santos e Oscar Montandon
1914	A TRIBUNA DE ARAXÁ	Centro Católico de Araxá
1917	A VOZ PAROCHIAL	Padre André Aguirre e Dr. Eduardo Montandon
1917	A SEMANA	Raul de Melo
1917	TRIBUNA DE ARAXÁ	Campelo Carvalho e Raul de Melo
1917	O ESTUDANTE	José Maria Resende e E. Santos
1917	A GAZETA DE ARAXÁ (2ª vez)	Josebento de Oliveira
1918	A GAZETA DE ARAXÁ (3ª vez)	Alexandre José dos Santos
1919	JORNAL DE ARAXÁ (2ª vez)	Dr. Mário de Castro Magalhães
1921	ARAXÁ ESPORTE	Sebastião Gomes
1922	O ROUXINOL	
1920	MINAS BRASIL (1ª vez)	Sebastião Gomes
1924	O ARAXÁ (5ª vez)	Edgar França
1926	OÁSIS	Dâmaso Drummond e Abel Fagundes
1927	O CORREIO DE ARAXÁ (2ª vez)	Drs. João Jacques Montandon e Heitor Montandon
1927	JORNAL DE ARAXÁ (3ª vez)	Drs. Hugo de Resende Levy, Mário de Castro Magalhães e Almeida de Melo
1928	A CIDADE DE ARAXÁ	Drs. Hildebrando Pontes e Carvalho de Melo
1928	MINAS BRASIL (2ª vez)	Sebastião Gomes
1929	A FAÍSCA	José Carlos Pedro Grande e Antônio Cabral
1931	ATIVIDADES	Alberto Vilela e Lauro Geraldo
1932	O BONECO	
1932	A OPINIÃO	Carvalho Melo e Antônio Cabral
1934	ALMENARA	Genaro Porfino de Azevedo
1934	A RENOVAÇÃO	Drs. Álvaro Ribeiro e T. de Almeida
1937	O TRECO	Geraldo Porfino Botelho
1938	VÉRITAS (1ª vez)	Colégio São Domingos
1940	JORNAL MILITAR	Tenente Valdemar G. Coelho
1941	BOLETIM PAROQUIAL	Padre Emilio Philippini
1945	O COMETA	Olavo Drummond
1948	JORNAL DO ROTARY CLUB	(Só publica expediente próprio)
1949	A GAZETA DE ARAXÁ (4ª vez)	Dídimo de Melo
1949	THE TRIANGLE	Ricardo Gentil Montandon (Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa)
1949	VOZ ESCOLAR	Fausto Júlio de Mesquita e Olenka de Almeida
1952	JORNAL DE ARAXÁ (4ª vez)	Atanagildo Côrtes
1956	VÉRITAS (2ª vez)	Colégio São Domingos
1957	CORREIO DE ARAXÁ (3ª vez)	Joaquim Ewandinack Porfino de Azevedo
1962	CORREIO DE ARAXÁ (4ª vez)	Atanagildo Côrtes
1963	TRIBUNA ESTUNDANTIL	Antônio Augusto de Castro e Tarcisio Cardoso
1966	DIÁRIO DE ARAXÁ	Euno de Ávila e Paulo Menezes
1979	O LEÃO DE ARAXÁ	Órgão informativo do Lions Clube de Araxá
1984	O TEMPO	Mauro Alves de Freitas
1984	JORNAL DAS GERAES	Sandra Alonso de Castro
1986	JORNAL DA CBMM	J.D. Vital
1987	O TEMPO	Mana Regina Silva Amaral
1988	O TEMPO	José Cincinato de Ávila
1988	JORNAL DA ACIA	Órgão informativo da Associação Comercial e Industrial de Araxá
1989	CIDADE HOJE	Cicero Romano Batista
1989	O TEMPO	Márcia Alonso Ribeiro Chaer
1990	O TEMPO	Luis Ricardo Vieira Chaer
1990	ACONTECE ARAXÁ	Luis Eduardo Faria Iglesias
1991	O TREM DA HISTÓRIA	Boletim Informativo do Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto
1991	PREFEITURA INFORMA	Órgão da Prefeitura Municipal de Araxá
1992	REVISTA IMPACTO	Lincoln de Azevedo Bittar.

VOCÊ CONHECE?

Inaugurada na edição anterior, a coluna Você Conhece? contou com a significativa colaboração dos leitores no reconhecimento das fotografias publicadas. Mais 3 fotografias deverão receber a devida identificação.



No verso desta fotografia aparece apenas a seguinte marca: "Photographia DE EMILIO TRAVERS - Trabalhos Instantâneos". Não constam data, local e nomes.



Fotografia de autoria de T. Simões e que pertenceu ao acervo da família de Tereza Pereira Borges. Entretanto, não existem referências sobre a família fotografada.



Esta fotografia pertenceu ao acervo da Família João Ribeiro. É de autoria de T. Simões e consta no verso data manuscrita de 1909, porém não foi identificada.

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO - 10 ANOS DE HISTÓRIA

(CONTINUAÇÃO DA MATÉRIA DA PÁGINA 5)

A partir de 1990 a Fundação Cultural Calmon Barreto passou a ser considerada, sob o ponto de vista administrativo, um órgão indireto da Prefeitura Municipal. Desde então, a entidade adquiriu a estabilidade que lhe permitiu elaborar projetos, organizar a programação e, principalmente, desenvolver as atividades do dia-a-dia de acordo com os objetivos propostos. A atual administração da entidade tem cumprido as suas funções conforme rege o seu estatuto, ou seja, de promover, apoiar e incentivar as diversas manifestações culturais no município, bem como,

preservar o seu patrimônio histórico e artístico.

Constantemente, a Fundação é procurada por artistas e profissionais da área em busca de apoio, e na mesma frequência, a instituição tem respondido colaborando em projetos diversos, eventos, shows, lançamentos de livros, exposições temporárias, dentre outros.

Sob a sua iniciativa e responsabilidade promoveu, ao longo desses dez anos vários Encontros Culturais, Salões de Artes Plásticas, shows, eventos e exposições as mais diversas.

Todas as atividades e o próprio funcionamento da Fundação têm sido viabilizados atualmente com o total apoio da Administração Dr. Jeová Moreira da Costa que oferece condições de prosseguir os projetos já implantados e apoiar outros novos, proporcionando o crescimento e fortalecimento da instituição.

"Graças à participação, colaboração e atuação de nosso Prefeito Dr. Jeová Moreira da Costa, a Fundação Cultural Calmon Barreto se firma cada vez mais como uma célula viva e de grande importância para a história de Araxá", finaliza Lygia Cardoso Maneira.

Esta edição de "O Trem da História", comemorativa dos 10 anos da Fundação Cultural Calmon Barreto e homenagem ao seu patrono, foi viabilizada graças ao patrocínio da Prefeitura Municipal de Araxá e da CBMM - Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração.